

**Adriano Charles da
Silva Cruz**

Docente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisador do Círculo de Estudos em Cultura Visual.

E-mail: adrianocharles-cruz@hotmail.com

**Comunicação alternativa
e heterogeneidade de
sentidos nos espaços urbanos:
inscrições subversivas,
educativas e afetivas nos
muros da América Andina** **253**

**Alternative communication
and heterogeneity of senses
in urban areas: subversive,
educational, and emotional
arts on the walls
of the Andean States**

**Comunicación alternativa y
heterogeneidad de los sentidos
en el espacio urbano:
inscripciones subversivas,
educativas y emocionales en los
muros de la América Andina**

RESUMO

Este artigo trata de uma investigação acerca dos discursos que circulam em algumas pichações, pinturas e grafite. As fotografias realizadas na Bolívia, Peru e Equador revelam uma diversidade de dizeres que apontam para a fluidez desse tipo de comunicação alternativa. Identificamos na materialidade dessas imagens relações que recobrem desde a subversão até a construção de subjetividades afetivas.

Palavras-chave: Comunicação urbana; discursos; America andina.

ABSTRACT

This article is a study about the discourses present in some graffiti paintings. The pictures were taken in Bolivia, Peru and Ecuador and show a variety of sayings that indicate the fluidity of this kind of alternative communication. In the materiality of these images we find discursive constructions that range from subversion to affective subjectivities.

Keywords: Urban communication; discourses; Andean States.

RESUMEN

Este artículo es una investigación sobre los discursos que circulan en el graffiti y en la pintura. Las fotografías sacadas en Bolivia, Perú y Ecuador muestran una variedad de dichos que denotan la fluidez de este tipo de comunicación alternativa. Identificamos en la materialidad de estas imágenes distintas relaciones que recubren desde la subversión hasta la construcción de subjetividades afectivas.

Palabras clave: Comunicación urbana; discursos; América Andina.

Submetido em: 8-7-2011

Aceito em: 11-1-2011

Considerações iniciais

255

*Como é realmente a cidade sob esse carregado
invólucro de símbolos, o que contém e o que
esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber.*
Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*

Entender o espaço urbano como meio de manifestação dos sujeitos é uma hipótese bastante consensual. Neste sentido, a cidade é uma mídia (do latim *medium*, “meio” ou “instrumento mediador”) na qual os autores podem escrever seus textos e se posicionar discursivamente a partir de um macrocontexto sócio-histórico. Por outro lado, podemos ampliar essa compreensão e encarar a urbe como geradora/ produtora de identidades.

De fato, o homem tem-se modificado em sua constituição subjetiva ao habitar e conviver nesses territórios complexos. Desde a década de 1950, os muros ganham destaque nas manifestações de protesto de grupos sociais sem acesso à veiculação nos meios de comunicação tradicionais (rádio, TV e impressos). Esse espaço de politização urbana esteve associado à configuração política daquela geração em seu *modus operandi* do fazer político. Esse meio de propagação de discursos políticos ainda mantém importância ao lado de outros discursos ligados ao cotidiano.

Durante os meses de junho e julho de 2010, percorremos algumas cidades da América Andina¹ (Bolívia, Peru e Equador), onde identificamos, além desses textos, outras escrituras que manifestam relações afetivas cotidianas, as quais marcam subjetivamente o espaço urbano. Identificamos diferentes discursos nessas materialidades fotográficas que navegam entre o político e as relações intersubjetivas, compondo um mosaico complexo de discursividades.

Ao analisarmos essas práticas linguageiras e urbanísticas, identificamos três discursos recorrentes que, por ora, categorizamos como: subversivo, educativo e afetivo. Esta proposta de categorização facilita o trabalho de análise, porém está sujeita às inter-relações possíveis de serem localizadas. Segundo Guatarri (1992), o espaço construído interpela o indivíduo, produzindo subjetividades.

Assim, este estudo, ainda em desenvolvimento, contribui com essa discussão ao analisar os efeitos de sentidos expressos nas inscrições contemporâneas por esses sujeitos-autores (pintores, pichadores e grafiteiros).

Este artigo integra um projeto de pesquisa, em desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, acerca dos discursos alternativos no espaço urbano. Por ora, analisamos oito imagens retiradas de um *corpus* maior que reúne trinta fotografias². Todas as imagens são de nossa autoria,

¹ As imagens foram retiradas durante a *Ruta Inka: al encuentro de los mayas* (2010), expedição internacional organizada pela associação peruana Ruta Inka. Agradecemos a Vitor Taveira e Rubem La Torre pela viabilidade de nossa participação no projeto.

² Em breve, deveremos publicar o resultado da pesquisa em um *e-book*. Todas as imagens foram realizadas com câmera digital semiprofissional e não houve alterações digitais posteriores.

realizadas em dez cidades da América Andina (La Paz, Cuzco, Lima, Trujillo, Lambayeque, Loja, Cuenca, Ingapirca, Otavalo e Quito), seguindo a trajetória da Ruta Inka - 2010.

Trabalhamos numa perspectiva qualitativa e interpretativista, dessa forma, elegemos as imagens mais significativas para ilustrar nossas reflexões sobre o discurso e a heterogeneidade de sentidos no espaço da cidade. Ressaltamos que o ato de categorizar não é algo natural, mas um trabalho do analista, a partir das questões colocadas pelo problema de sua pesquisa, de suas hipóteses, de seu referencial teórico-metodológico e, por fim, de suas imbricações como sujeito. Neste sentido, parece-nos oportuno retomar uma observação de Orlandi (2007, p. 63), quando afirma que “a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas”.

Memória da transgressão nos muros



Figura 1: Foto de um grafite de Edouard Boubat.

A década de 1960 e suas intensas revoluções nos legaram imagens memoráveis que atravessariam os anos marcando nossa construção imaginária sobre o fazer político. Dessa forma, 1968 foi um *ano que não acabou*, sobretudo na França, porque, lembrado e citado em diversos produtos das indústrias culturais (filmes, camisas, novelas etc.), ainda gera efeitos no imaginário de um tempo-espaço político, como a *Photo d'un graffiti*, de maio de 1968 de Edouard Boubat.

“A vida acima de tudo” é uma escrita de protesto, com tons poéticos, que inspirou grafiteiros em todo o mundo. Nessa perspectiva, o espaço urbano é o lugar de manifestação das lutas e das resistências de classe, conforme aponta Carlos (2003, p. 71): “[...] pensar o espaço também como produto de lutas, fruto de relações sociais contraditórias, criadas e aprofundadas pelo desenvolvimento do capital”. Mas também podemos entendê-lo como meio de manifestação de outras lutas operadas no cotidiano (raciais, religiosas, estéticas, de gênero etc.), muitas delas distantes dos holofotes midiáticos, mas presentes nas escrituras das paredes.

Esse discurso subversivo, entendido como resistência às ordens discursivas dominantes do capitalismo contemporâneo, tem permanecido como elemento central nos estudos e pesquisas sobre pichações e grafites. Essa preponderância tem gerado uma associação quase direta entre essas formas de artes pictóricas e o discurso político. Entretanto, Canevacci (2005) lembra que os espaços comunicacionais das metrópoles são múltiplos e fluídos, “particularmente, aquele tipo de comunicação fortemente inovadora que sai das lógicas tradicionais, dos espaços institucionais, das práticas sociais, de objetivos universais” (CANEVACCI, 2005, p. 46).

Em nossa pesquisa, deparamo-nos com materialidades que revelam a constituição de sujeitos insatisfeitos com os sistemas regradores (políticos, econômicos e ideológicos). Dessa forma, verificamos que a forma de inscrição política dos anos 1970 - legível, centrada no conhecimento escolar e na grafia desse sistema - ainda marca sua presença como contestação³.

Todavia, por vezes, o foco do macropolítico se desloca para as lutas contra outros sistemas de interdição, conforme os estudos foucaultianos já apontaram.

É nesse sentido que encaminhamos a interpretação de nossa primeira fotografia.



Figura 2: Fachada de um muro em Loja, Equador.

³ “Nos anos 70 éramos pichadores alfabetizados. Nossas reivindicações se faziam com letras tradicionais de uma escrita (que se queria) bem legível: ‘Fora a Ditadura!’ para quem fosse alfabetizado. E os que não eram também entendiam, pelo modo como as palavras apareciam nos muros ou em outros lugares inusitados, ou pelas cores (vermelho, preto), que se tratava de um gesto de contestação ou reivindicação política. Hoje, a pichação é já nos seus sinais indecifráveis para muitos, a própria manifestação da reivindicação e da contestação política e, mais claramente que a pichação de 70, *social*.” (ORLANDI, 2004, p. 107).

Se na imagem de Boubat a vida deve estar acima de tudo, a liberdade é a tônica do discurso dessa fotografia, encontrada na cidade de Loja, no Equador. Tem-se a figura de uma jovem com cabelos esvoaçantes e chapéu na cabeça. O rosto da moça ocupa quase a metade do quadro. À sua direita tem-se o enunciado “antes de tudo... igualdade”. O mais interessante é que o muro da imagem não pertence a nenhuma instituição (escola, igreja, associação).

O sentido do enunciado – *igualdad* – pode ser múltiplo, porém a imagem feminina e a forma de representação limitam as possibilidades interpretativas. A igualdade requerida deve ser lida na perspectiva de uma luta política de gênero, pois é proferida por uma personagem feminina. Ecoa nessa imagem a memória histórica das lutas de todas as mulheres e homens que recusam a perspectiva sexista e excludente das sociedades machistas contemporâneas.

O sujeito-autor, cuja autoria é silenciada na imagem, rechaça esse discurso sexista e propõe a primazia da igualdade. O discurso, por outro lado, é construído em uma perspectiva afirmativa, posto que a mulher encontra-se com uma leve expressão de sorriso, por conseguinte, não há conotações de violência, indignação ou revolta.

Ao mesmo tempo, o discurso *na* fotografia produz o sentido de protesto: a própria escritura na parede denota certo margeamento das condições artísticas tradicionais (pintura em tela e exposição em museus, galerias, revistas etc.).



Figura 3: Fachada de um muro em Cuzco, Peru.

A escrita de protesto, em algumas ocasiões, transgride os limites da compreensão dos leitores não pertencentes aos movimentos urbanos, tornando-se, por vezes, indecifrável. Na fotografia 4, registrada na cidade de Cuzco, no Peru, tem-se um exemplo da mescla de imagens e símbolos não reconhecíveis: há predominância das cores verde, amarelo e azul em imagens de seres imaginários pintados e/ou grafitados, sobrepondo-se, em alguns lugares, à pichações; mas inexistem frases e palavras reconhecíveis.

O “não se fazer compreender” é também um posicionamento ideológico significativo: marca um lugar de resistência ao outro, pois apenas os “iniciados” poderão decodificar a mensagem. Esse mecanismo discursivo gera identidade, ao produzir um reconhecimento e um posicionamento do sujeito em um dado lugar na estrutura social; em outras palavras, sua inscrição numa formação ideológica por meio do simbólico.

Para Orlandi (2004), o ininteligível constrói sentidos para os grupos segregados em outra formação ideológica que não a da “informação-comunicação”. Por conseguinte, “escrevem invertendo a racionalidade urbana do jogo de quantidade (poucos são os leitores e muitos são da periferia, ou são a periferia)” (ORLANDI, 2004, p. 104, grifos da autora).

Das marcas da afetividade ao discurso educativo



Figura 4: Fachada de um muro em Quito, Equador.

Os muros das cidades registram, também, o encontro amoroso dos sujeitos. Segundo Garcia (2003, p. 10), o discurso amoroso é caracterizado pela *reafirmação constante da afeição*, por meio de *palavras carinhosas, murmúrios e códigos específicos* e por entoações próprias.

Neste sentido, por meio de letras e símbolos pintados com tinta branca, o sujeito-autor da escrita declara seu amor pelo esposo. As reticências, a repe-

tição de palavras, o uso do diminutivo, as estrelinhas e o desenho de sorriso denotam a emoção.

“Eu te amo maridinho, você é a melhor coisa que me aconteceu. Obrigada por alegrar a minha vida... eu te amo... te amo... te amo... não esqueças.” Numa tradução livre e incompleta, registra uma homenagem ao “sujeito-esposo”. Podemos visualizar ainda a assinatura das iniciais “M.L”. O autor inscreve-se no muro, ou seja, está presente na materialidade do texto.

Se, conforme Orlandi (2004), o sujeito é interpelado pela ideologia e individualizado pelas instituições do Estado, ele constrói sua identidade por meio da escrita.

Ao contrário do visto nas imagens anteriores, o texto não tem uma preocupação política contestatória, porém marca um gesto de afetividade.

Com isso, não queremos dizer que não há marcas da ideologia presentes em todo o fazer humano. Esclarecemos: o conceito de discurso político que defendemos aproxima-se da concepção linguageira do filósofo Michel Pêcheux, fundador da análise do discurso de linha francesa (AD), a qual opera uma divisão entre os grandes discursos estabilizados e os discursos da ordem do cotidiano.

Se percorrermos a história epistemológica da AD, perceberemos que, num primeiro momento, o interesse dos estudiosos estava voltado ao universo dos “grandes textos”, com ênfase no *discurso político*; em outro, o que se privilegiará é o estudo das construções discursivas da mídia e de outros fenômenos contemporâneos.

No início dos anos de 1980, Pêcheux se dá conta da mutação do discurso político, no qual a *língua de madeira* torna-se *língua de vento*. Neste sentido, o autor volta sua atenção “[...] para o formigamento dos discursos ordinários, o exame das falas anônimas” (MALDIDIER, 2003, p. 75).

É esse discurso do cotidiano que marca a imagem em tela, revelando os modos das relações afetivas e os desejos de expressão da subjetividade, pois “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2004a, p. 156, grifos do autor).

Ademais, podemos constatar que há uma relação ideológica reveladora dos papéis de gênero estabelecidos cultural e historicamente. Todavia, defendemos que não se observa uma ruptura à ordem vigente, não há um movimento contestatório político do sujeito-autor. O aspecto ideológico que descrevemos é fruto dos gestos interpretativos do analista *a posteriori*.



Figura 5: Fachada de um muro em La Paz, Bolívia.

Essas falas, por vezes anônimas ou irreconhecíveis, inscrevem-se na materialidade da fotografia acima, de um muro em La Paz, Bolívia. Vemos as assinaturas na imagem, mas quem seria “Janase” ou “kloonger”? São as marcas dos “homens ordiná-

rios”, heróis do dia a dia, “todo mundo e ninguém”, conforme nomeia Certeau (1994). Neste sentido, a escrita nos muros é uma forma de expressão democrática, sobretudo para os excluídos das mídias de massa.

Na imagem, a transgressão se coloca do ponto de vista formal: a pichação nos muros é interdita aos indivíduos em nome dos padrões de higienização. Todavia, o enunciado “a primeira namorada escolhida, mas o primeiro amor” revela a perspectiva de um sujeito-autor envolvido em uma relação amorosa, inscrito em outra perspectiva ideológica que não a do fazer político *stricto sensu*.

O desejo de expressar sentimentos e emoções foi o que motivou esses sujeitos-autores à pichação. Ora, esse traço identitário da afetividade, colocado em segundo plano em muitas análises, revela nossa constituição humana, nosso “estar-no-mundo”, como seres emocionais, conscientes e também inconscientes, conforme advoga Morin (2001).

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Ideias, mas que duvida dos deuses e critica as Ideias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e quimeras. (MORIN, 2001, p. 59).

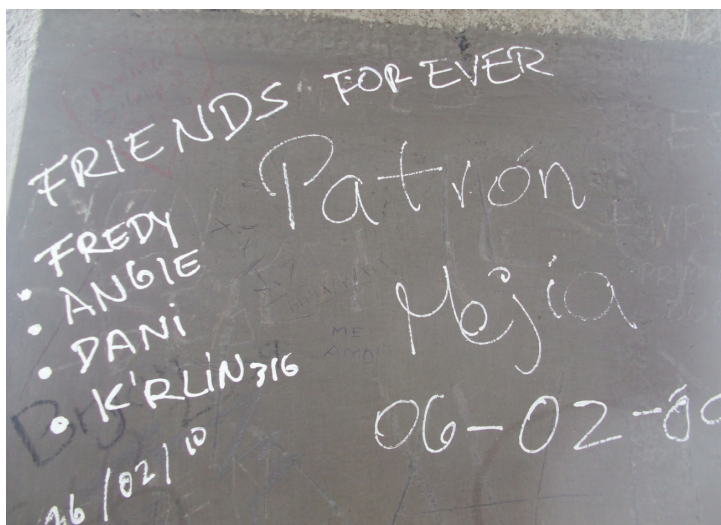


Figura 6: Fachada de um muro em Quito, Equador.

“Amigos para sempre”, escrito em inglês, revela o poder de penetração do idioma estrangeiro nas cidades latino-americanas, metonímia da influência americana. Essa questão ideológica perpassa a construção do texto e deverá ser levada em conta em nossos *gestos interpretativos*, porém o efeito de sentido preponderante é o da afetividade, o clima de confidências entre amigos, perenizado na pedra.

Na fluidez das “metrópoles comunicacionais” (CANEVACCI, 2005) tem-se os discursos educativos, que visam disciplinar os sujeitos, submetidos ao poder disciplinar, que é “um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’: ou sem dúvida adestrar para se retirar e se apropriar mais e melhor” (FOUCAULT, 2005, p. 143).

Nas duas fotos capturadas em Otavalo, no Equador, podemos ver o funcionamento dos discursos normalizadores dos comportamentos à luz dos ideais escolares. São imagens do discurso per-

mitido, inscritas em fachadas institucionais e em códigos imagéticos regulares, aproximando-se do ideal de realismo.

A ideologia oficial se manifesta na estética e na técnica dos desenhos, pintados aos moldes tradicionais. As crianças representadas são todas brancas, num país de maioria indígena, e estão bem vestidas, sem vestígios de sujeiras ou fora dos padrões da “normalidade” das sociedades disciplinares, nas quais a loucura, a doença e a transgressão devem ser combatidas.



Figuras 7 e 8: Fachadas de uma escola em Otavalo, Equador.

Quando as classificações falham

Se a escola é uma instituição reguladora de comportamentos, também o serão as instituições militares, como o exército. Nesses espaços, espera-se a emergência de textualidades educativas e de incentivo aos valores tradicionais da sociedade, sob pena de punição.

Foucault (2006), em sua famosa aula no *Collège de France*, advertia-nos para os mecanismos de controle discursivo das sociedades contemporâneas. Não se pode dizer tudo; as instituições sociais também são operadoras de limitações e silenciamentos das materialidades discursivas.



Figura 9: Fachada de instituição militar em Trujillo, Peru.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2006, p. 8-9).

Submetidos à vigilância, a uma “tecnologia do poder”, conforme define Foucault (2005), as instituições militares incidem sobre os corpos dos indivíduos, controlando seus gestos e suas atividades. Dessa maneira, disciplinado, “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 2005, p. 127). Essa prática de poder dociliza os sujeitos e submete-os às relações normativas.

Nesse sentido, espera-se que as inscrições dos muros militares, tais como as da escola de Otavalo,

produzam efeitos de sentido educativos/disciplinadores. Entretanto, os mecanismos de poder abrem espaço para as estratégias de resistência, conforme mostra a obra foucaultiana.

As rupturas com as interdições foram capazes de se materializar em um acontecimento singular em nosso *corpus*.

Vemos uma fachada de um alojamento militar em Trujillo, no interior do Peru. Chama-nos a atenção a expressão popular *carajo!* que nem sempre tem a conotação negativa do português, mas ainda assim é considerada uma palavra à margem da escrita do padrão culto. Diferentemente da língua portuguesa, o *carajo* espanhol, com acento de exclamação, pode indicar uma boa surpresa, uma alegria ou mesmo ensinar o riso e o humor⁴.

No método arqueológico, Foucault (2004b) entende os enunciados inscritos num processo de descontinuidade histórica. O movimento de regularidade e dispersão abre espaço para a noção de “acontecimento” como algo que escapa à estrutura, irrompendo no solo da história.

No muro peruano, vemos que a “originalidade” está no retorno de um enunciado corriqueiro, mas interdito às instituições militares, no local mesmo de sua proibição.

Ademais, o acontecimento discursivo da parede de Trujillo mostra-nos que as ideias e os textos circulam socialmente e que há espaço para a quebra da expectativa e das classificações estanques.

Dessa forma, nossa reflexão inicial abre espaço para repensar os discursos políticos no interior

⁴ Agradecemos ao Prof. Bruno Rafael Costa (IFRN) por essas observações da língua espanhola.

dessa tradicional comunicação alternativa, levantando questões sobre essas imagens tão corriqueiras. Por fim, acompanhando os sinuosos movimentos do (dis)curso, nos jogos de visibilidade e invisibilidade dos *invólucros dos símbolos*, identificamos as redes heterogêneas de sentidos e as posições dos sujeitos-autores ao comunicar seus afetos, seus desejos e suas contestações no espaço fluido e infindo das cidades.

270

Referências bibliográficas

CANEVACCI, M. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. A escrita de si. In: SILVA, M. B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

_____. **A ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GARCIA, A. **Tipos de discurso**. Rio de Janeiro: O Autor, 2003.

GUATARRI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. São Paulo: Pontes, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, E. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.